

LICANIA RÍGIDA

Francisco Leandro Costa

I

A cidade abriu-me sua graça
Em sorriso amarelo e antigo
De avó que fumava cachimbo
Bafejando café esfumado

Eu sentei em seu colo enrugado
Para ler em um largo abraço
Pergaminho de rugas sagradas,
Epitélio de mica e quartzo

Que a capa do fósil estranho
Encobriu com o negro enfadonho
De carbono frustrado que nunca
Há de ser outra forma que sonha

De discípulo fiz-me escriba
E de escriba tornei-me ancião
Que sentava nas encruzilhadas
Restaurando as esquinas da vida.

II

Uma casa em ruínas
Em si, traz a sina
De finada história
Ser memória e túmulo

Casa deteriorada
Dente, é, cariado
Que lateja passado
De alicerce profundo

— Arranca
— Não
— Restaura
— Restaura?!
— Pra quê?
— Sai caro
— Derruba
— É crime
— Deixe estar
— Cai só

Casa sem gente
É dente enfermiço
Que já não recebe
Sustância vital

Coroa exangue
Sem nervos e sangue
De esmalte amarelo
Trincado e rachado

— É morto o dono.
Dos tristes destroços
Do seu abandono
Pegai os despojos

III

O sorriso da Cidade precisava iluminar-se
E livrar-se do opaco amarelo do passado:
Rua antiga, beco escuro, casa velha, nome morto
Ponte velha que não serve para atravessar o rio
Que não chega mais a ela porque foi assoreado.

A boca da Matrona recebeu dente implantado
Nos antigos alicerces das malocas anacrônicas
Levantaram edifícios que nada significam
Avatares possuídos por espíritos modernos

A fala de meu Burgo inovou a Flor do Lácio
A voz de minha Vila começou falar inglês
Fez do latim sagrado anacrônico jargão
E diluiu a língua, do tupi, no caldeirão.

Horologium

No badalo do relógio
Do relincho do arauto
Para quem não tinha rádio
O prefixo era o mesmo:

— Olha a hora, Nascimento

Rodeando a avenida
Com ponteiro exibido
Hora exata era marcada
No trambelho bem ereto

— Olha a hora, Nascimento,
Meia casa andou o sol,
Mete o pé na rua velha
Foi-se embora o arrebol

No castigo da hora quente
Não se pode esmorecer
Para todos há ardor
Para alguns boa mercê

— Fique atento, Nascimento,
Não deixe passar a vez.
A hora que foi não volta.
Segure, no rabo, a rê.

No badalo do relógio
Do relincho do jumento
Nas matinas ou na sexta
O prefixo era o mesmo:

— Olha a hora, Nascimento!

Francisco Leandro Costa

Cearense da terra do poeta maldito José Alcides Pinto: Santana do Acaraú, fonte primeira de suas inspirações para escrever versos e contos.